

## DESAFIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO VALE DO JIQUIRIÇÁ- BA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

José Arlen Beltrão Matos, Priscila Gomes Dornelles, David Romão Teixeira

### Resumo

Objetivamos apresentar e discutir as implicações da formação profissional e das condições do ensino no Vale do Jiquiriçá/BA, na construção de uma educação pública e de qualidade no campo da Educação Física. Para isso, nesta pesquisa, utilizamos um questionário que foi apresentado a 28 docentes que atuam na disciplina de Educação Física na região. A carência de professores/as com licenciatura na área é um dos graves problemas evidenciados, o que está articulado diretamente com a ausência de cursos públicos de formação de professores de Educação Física no interior do Estado da Bahia. Os/as professores/as, em sua maioria, assumem o componente Educação Física para completarem carga horária. O coletivo pesquisado tem uma carga horária elevada, e, em alguns casos, concilia a atividade docente com outras atividades laborais. A falta de espaço, seguido da resistência dos/as alunos/as a alguns conteúdos, a falta de materiais, e ainda a formação dos/as professores foram as principais dificuldades apontadas pelos/as docentes da região.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar; Formação de professores; Processo de ensino e aprendizagem.

### Introdução

Neste artigo, objetivamos apresentar e discutir as implicações da formação profissional e das condições do ensino no Vale do Jiquiriçá/BA na construção de uma educação pública e de qualidade na área da Educação Física. Esta discussão se faz necessária no espaço acadêmico-profissional por considerarmos que a má gestão do estado em relação à formação dos/das docentes e às condições do ensino escolar são elementos que podem repercutir diretamente no fracasso escolar nas aulas de Educação Física no Vale do Jiquiriçá/BA.

As informações que embasaram a constituição desta argumentação são oriundas de pesquisas matriciais vinculadas ao *GEPEFE/CFP/UFRB – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Formação de Professores e Educação Física*: i) “Condições objetivas do desenvolvimento da Educação Física nas escolas públicas da cidade de Amargosa-BA”; ii) “Ginástica alegria na escola: realidade e possibilidades da ginástica escolar na cidade de Amargosa-BA”; iii) “Gênero e sexualidade na Educação Física escolar: notas sobre o Vale do Jiquiriçá/BA”. Para realização dos primeiros passos metodológicos destas pesquisas,



Vinte e oito colaboradores/as responderam o instrumento, sendo que antes de preenchê-los, os/as mesmos/as foram informados dos objetivos e procedimentos desta pesquisa, bem como dos procedimentos éticos, tais como: a ausência de identificação dos/das participantes e a garantia do caráter confidencial e anônimo das informações; a utilização destas informações apenas para fins de pesquisa e dos trabalhos científicos que se desdobrarão da “escuta” destas informações. Após a leitura pública do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual reunia os critérios apresentados anteriormente, e o preenchimento do instrumento, os/as participantes assinaram o referido Termo como forma de concordância com os critérios éticos.

### **Primeira aproximação: um perfil geral dos/das docentes que atuam na disciplina de Educação Física**

Participaram da nossa pesquisa 28 docentes (19 mulheres e 9 homens) que ministravam aulas de Educação Física nas escolas da rede pública de ensino na região do Vale do Jiquiriçá-Ba. Destes 25 (vinte e cinco) atuavam em escolas estaduais, 2 (dois) em escolas estaduais e municipais e 1 (um) em escola municipal.

É importante destacar que apenas 2 (duas) professoras detêm licenciatura em Educação Física com especialização na área, a maioria, 15 docentes, é graduada em outra área e foi designada para trabalhar com Educação Física. Além disso, deste coletivo 7 (sete) docentes estavam se graduando e 4 (quatro) docentes que atuavam na disciplina de Educação Física concluíram apenas o ensino médio.

Consideramos que este quadro parece não preocupar as secretarias municipal e estadual de educação – esta última principalmente. Esta afirmação se embasa na ausência de posições políticas que favoreçam e ampliem a inclusão de um número maior de vagas para atuação na referida área nos concursos realizados na região. E, ainda, considerando as características deste grupo, que atua na disciplina, questionamos a ausência de atividades formativas sistematizadas ofertadas a este coletivo voltadas para as discussões específicas do trato da cultura corporal na escola.

Dentre os/a professores/as, um professor participa de curso/projeto de formação continuada pela condição de servidor/a da Diretoria Regional de Educação - Direc 29, outro professor relatou que já participou de um curso oferecido pela rede estadual. Contudo, segundo este último, não foi possível materializar as propostas apresentadas no ambiente





que serão “testadas na prática” e revistas novamente. Isto significa dar “forma” a esta “ação” e, conseqüentemente, “ação” a isso que estamos tentando dar “forma” num processo de “forma-ação” continuada e permanente.

Ainda sobre o perfil deste coletivo docente na região, apesar de termos 12 (doze) professores/as com mais de dez anos de docência no grupo pesquisado, apenas uma professora apresenta mais de 10 (dez) anos de experiência em Educação Física escolar. Os dados dos questionários apontam que a maioria (18 sujeitos) atua há menos de 2 (dois) anos com esse componente.

Uma situação que provavelmente deve dificultar a ação pedagógica e as iniciativas formativas de alguns/mas professores/as (22) é a atuação em mais de uma disciplina do currículo escolar. Estes/as docentes complementam sua carga horária com o componente Educação Física.

Outro ponto importante a ser abordado é a carga elevada de trabalho dos/as professores/as. A maior parte dos/das professores/as colaboradores/as com a pesquisa tem 40 horas semanais, e alguns (10) ainda conciliam a docência com atividades acadêmicas e/ou outras atividades laborais fora do ambiente escolar.

Com relação à remuneração, de maneira geral, os/as professores/as recebem baixos salários, visto que grande parte (20) recebe entre 0 e 2 salários mínimos e nenhum professor recebe mais de 4 salários mínimos. A política de Estado Mínimo, muito presente no sistema capitalista, exime-se de suas responsabilidades e as transfere, em parte, aos professores, que são submetidos a longas jornadas de trabalho com salas lotadas (MARIN et al., 2010). Nessas condições fica difícil imaginar a ação docente em todas as suas dimensões, dificultando a reflexão, a preparação pedagógica, o atendimento individualizado, a formação continuada, a troca de saberes com seus pares e, principalmente, uma boa relação consigo mesmo. O ambiente de trabalho precarizado, a falta de formação específica, a falta de reconhecimento e a baixa remuneração são os principais motivos apontados pelos/as professores/as por se sentirem insatisfeitos no exercício da carreira docente enquanto professor de Educação Física.

Ao serem perguntados sobre suas expectativas profissionais, o desejo de valorização profissional e da Educação Física foram as respostas que mais apareceram, seguidas pela aspiração de qualificação profissional. Conseguimos identificar nas respostas a vontade desses profissionais em contribuir para a qualidade da Educação, e mesmo com as dificuldades apresentadas, não perderam a esperança, como se vê na fala de duas professoras:

Ainda estou no início da docência, porém, mesmo que a educação ainda deixa a desejar, minha expectativa é contribuir para que ela venha cada vez mais a melhorar e que eu possa fazer parte dessa mudança (PROFESSORA 27).

Espero que, no decorrer dos anos, todas essas dificuldades venham a ser superadas e que os professores que irão dar continuidade possam trabalhar com prazer (PROFESSORA 22).

### **Segunda aproximação: pistas para problematizar as aulas de Educação Física na região**

As três últimas décadas foram marcadas por um avanço significativo da produção científica no campo da Educação Física. A Educação Física escolar recebeu atenção de vários pesquisadores que se dedicaram na construção de bases teóricas que pudessem romper com o paradigma vigente até a década de 80 do século XX (COLETIVO DE AUTORES, 1992; BRACHT, 1999; FREIRE, 1999; TANI et. al, 2002; KUNZ, 2004; DARIDO, RANGEL, 2005). No entanto, as mudanças na prática pedagógica dos/as professores/as não acompanharam esta dinamicidade da produção científica.

Em geral, o/a professor/a não segue uma vertente teórica específica e a questão da inovação didático-metodológica está diretamente associada ao macrossistema e não só à sala de aula, nesse sentido, os/as professores/as sentem dificuldades em inovar e pedagogizar o universo de suas práticas (VIEIRA, 2000).

Instigados sobre esta questão, perguntamos aos/às participantes desta pesquisa se seguiam alguma tendência ou abordagem pedagógica da Educação Física. Dos vinte e oito participantes da pesquisa, apenas uma respondeu que se apoiava nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física para o planejamento de suas aulas. Os/As demais (27) disseram não seguir nenhuma abordagem, ou não sabiam responder.

Com relação aos objetivos da Educação Física escolar, identificamos uma visão dicotômica de corpo e de Educação Física em várias falas. Como exemplo, o Professor 22 relatou que o objetivo da Educação Física é “Trabalhar principalmente o corpo, a mente, a integração e coletividade dos alunos”. Já, o Professor 2 afirma que se deve “trabalhar o corpo, mente para melhor desempenhar outras funções”. Por último, uma concepção muito presente sobre a função da Educação Física no currículo escolar a associa como um espaço para a recreação e o lazer dos/as alunos/as - “Nosso objetivo é voltado à recreação (PROFESSOR 20)”; é “Introduzir atividades prazerosas ao cotidiano escolar (PROFESSOR 23)”, ou “Como não sou profissional da área, apenas recreação (PROFESSOR 15)”. Os reflexos desse quadro são a desvalorização do componente Educação Física frente à comunidade escolar e a manutenção do estigma de disciplina de “segunda classe”.



Esse fato se confirma por, em nosso trabalho, os/as professores/as apontaram de maneira enfática que a comunidade escolar não vê a Educação Física como um componente eminentemente educativo. Segundo Silva et. al (1996), a evasão nas aulas de Educação Física parece crescer em direta correspondência ao nível de escolaridade. Os/as alunos/as se mostram desinteressados/as, deixam de participar das aulas por não visualizarem sentido claro na sua formação.

Por "participação efetiva" nas aulas de Educação Física entende-se a participação que extrapola o limite da simples atividade física e se remete ao comportamento humano e social, que questiona, instrumentaliza, organiza para a construção de um conviver solidário, fundamentado no livre pensar e se expressar, na premissa de respeitar o direito do outro, ainda que oposto ao nosso, de falar, fazer e ser, sabendo ser este o único caminho possível quando se fala em cidadania. Entende-se, daí, que a não-participação acontece quando o aluno deixa de lado esses princípios, chegando a se afastar completamente das atividades propostas pelo professor (BARROS, 2003).

As aulas pautadas no esporte de rendimento, a falta de planejamento, de espaço e materiais contribuem na inclusão excludente dos alunos<sup>3</sup>. Observamos a necessidade de adoção de metodologias que privilegiem a criatividade do educando, a reflexão de sua prática e a autonomia, em busca de sua emancipação.

Talvez por conta da ausência de formação específica, o principal conteúdo abordado nas aulas de Educação Física na região, segundo os/as professores/as, é o esporte, mormente, na sua dimensão do fazer, negligenciando os aspectos históricos e culturais dessa prática.

Quase todos/as os/as docentes (27) disseram construir plano anual de trabalho, contudo, ao nos referirmos à construção de planos de aula, 9 (nove) docentes disseram que só planejam suas aulas às vezes, apesar da maioria dos/as participantes (26) terem previsto, dentro de sua carga horária de trabalho, horário específico destinado à atividade de planejamento.

Quanto às maiores dificuldades, os/as docentes apontaram como principal a falta de espaço, seguido da resistência dos/as alunos/as a alguns conteúdos, a falta de materiais, e ainda a formação dos/as professores.

Sobre a quantidade de materiais disponíveis para as aulas de Educação Física, a metade dos/as professores/as disse ter materiais em quantidade suficiente para as aulas, e sua maioria avalia que esse material se encontra em razoável ou boa qualidade.

<sup>3</sup> Segundo Kuenzer (2005), inclusão excludente, ou seja, as estratégias de inclusão nos diversos níveis e modalidades da educação escolar aos quais não correspondam os necessários padrões de qualidade que permitam a formação de identidades autônomas intelectual e eticamente, capazes de responder e superar as demandas do capitalismo.





